

Refletindo a capa: história e contribuições ao projeto de livro no Brasil

Reflecting the cover: history and contributions to the book project in Brazil

Pereira, Rômulo do Nascimento; Universidade Federal do Amazonas
romulonascimento@hotmail.com

Resumo

Breve panorama da produção da capa de livro, dos seus antecedentes à sua produção no Brasil. Busca compreender a evolução desta atividade pela incorporação de atributos, pelas transformações sofridas e pelos resultados alcançados, com a contribuição de reflexões tomadas de projetistas.

Palavras Chave: história do livro; design gráfico; capa de livro.

Abstract

Brief overview of the cover of book production, antecedents to current production in Brazil. Seeks to understand the evolution of this activity by the incorporation of attributes, and by changes suffered by the results achieved with the contribution of ideas taken from designers.

Keywords: *history of book; graphic design; cover of book.*

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Primeiras letras

Ao se tocar um livro, fisicamente falando, esse objeto nos oferece sua face mais rígida, ao atravessá-la, chegamos ao seu interior, construção que remonta há muitos séculos: suas divisões, convenções e regras de etiqueta estão assentadas numa tradição austera, mas sua constituição: papel, tinta e letras são recentes, ainda cheiram a novos. Neste domínio marginal, na fronteira de duas faces: uma externa e outra interior, nesta entrada que se sabe também saída, que fixamos nossa atenção, na capa do livro. A superfície que recobre o “miolo” de um livro e lhe confere a forma final de produto acabado: chamada comumente de capa, possui atributos, alguns bem antigos e outros recentes, é palco de transformações, de ordem técnica, material, estética e semântica que nos dizem muito acerca da atividade projetual que lhe dá forma, o design gráfico e sua visão sobre a sociedade de seu tempo.

A capa de livro não é um produto em si. Como seu nome já indica, trata-se de um componente, o mais externo, do produto livro. Neste, já foi de simples papel pardo, mais robusto, a complexas construções visuais. Busca-se apresentar um breve panorama, que segue linear quanto ao tempo, mas sinuoso quanto às escolhas e caminho percorrido, como num caderno de viajante. O destino, a produção contemporânea de capas, será apenas esboçado, permitindo-se chegar a alguns apontamentos mais conclusivos que buscam contribuir ao momento-chave em toda atividade projetual, a de, nos primeiros esboços, tentar compreender o que está fazendo, com que objetivo, como outros o fizeram ou pensaram.

Metodologia

Há, no campo de estudo denominado “História do Livro”, abrangentes trabalhos produzidos e traduzidos em português, tanto de escopo geral como estudos específicos sobre tipografia, imagem, projeto, capa e outros. Esta pesquisa descritiva está fortemente apoiada em bibliografia, pesquisa documental em vários meios, e na experiência individual na atividade estudada, fazendo uso de sistematização, análise e cruzamento de informações, registro visual, descrição de casos e transcrição de opiniões significativas, sobretudo do cenário editorial brasileiro. Embora construído de maneira a deixar clara a evolução por que passou a capa e pela incorporação de atributos que ocorreu a ela. Este artigo não objetiva, num primeiro momento, conclusões definitivas; é antes um “desenho” preliminar, um mapa com lacunas que se pretende fechar com o aprofundamento desta pesquisa.

Antecedentes

Como registro humano da escrita, o livro usou diversos suportes, desde casco de animais a tábuas de madeira tratadas com cera, objetivando tanto à fixação perene quanto ao uso cotidiano e regular do suporte. Quando tal registro se fez de maneira sistemática, seja para descrever atividades governamentais, comerciais, cotidianas ou religiosas, usando suportes duradouros, como tábuas de argila cozida ou o papiro, material empregado largamente pelos egípcios, as obras resultantes deste processo precisavam ser guardadas depois de concluídas, ao agrupar vários destes volumes, verificou-se a necessidade de identificá-los.

Alguns manuscritos produzidos no Oriente conservaram-se protegidos em antigas sepulturas ou escondidos em potes de barro, neles já se percebe a preocupação com a permanência e durabilidade de tais obras. As peles já eram empregadas como suporte à escrita, sua adoção na produção do livro causou profundas mudanças, materialmente deu a este objeto sua configuração que hoje conhecemos: folhas de material plano, antigamente pergaminho, dobradas, organizadas em cadernos que precisavam ser unidos, “encadernadas”, num único volume.

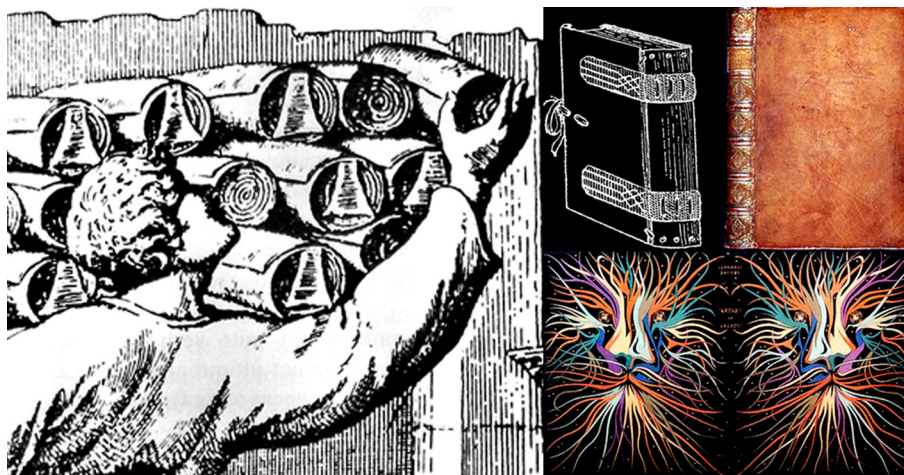


Figura 1: Rolos de papiro com etiqueta identificando-os. À direita, detalhe de encadernações: da tradicional feita em couro, à artística executada com grande liberdade formal.

O surgimento da tipografia impôs uma série de mudanças materiais, técnicas e outras: uso de máquinas, tal como a prensa; aperfeiçoamento da tinta e papel, e o uso de tipos móveis para a composição do texto; alteram-se também os formatos, o tipo de letra e ilustrações, mas o processo de encadernação continua. Nessa época os livros eram comercializados em folhas soltas, por causa do transporte, encadernado o livro pesa mais, também para que o comprador fizesse a encadernação da obra segundo sua vontade e condição financeira.

Tal era o volume de livros, pós-Revolução Industrial, que este produto precisou ser oferecido a um público maior, já em seu aspecto final e com baixo custo. Surgiu o acabamento tipo brochura: cadernos costurados e colados a um papel mais grosso – a capa. Pouco depois esta passou a ostentar o título da obra, a indicação do autor e da editora, reproduzindo quase sempre a página de rosto; não demorou a que essa superfície incorporasse outros atributos, inclusive comerciais, e projetos mais elaborados.

O Brasil em capas

O português Antônio Isidoro da Fonseca publicou o primeiro livro no Brasil em 1747, no Rio de Janeiro, sendo logo impedido de continuar seu trabalho. Somente com a Imprensa Régia, em 1808, a produção regular de livros aconteceu, pouco depois várias tipografias instalaram-se pelo Brasil, trouxeram inovações, tais como o uso da litogravura.

O uso de capas ilustradas começa a se difundir, no início do séc. 20 com projetos originais, trazendo para o primeiro plano esta atividade. Um dos responsáveis pela sua adoção, na década de 1920, foi Monteiro Lobato com um modelo editorial agressivo, fazendo uso de publicidade para divulgar os livros: “Chamei desenhistas, mandei por cores berrantes nas capas. E também mandei pôr figuras!”. Os primeiros projetistas gráficos foram bem além da utilização de cores quentes e uso puro de imagens, por certo fizeram uso delas, mas de forma a comunicar uma idéia segundo um vocabulário visual que começava a se articular nos livros, mas já bastante evoluído nas revistas ilustradas da época.



Figura 2: Primeiro impresso do Brasil, 1747. Ao centro capa em litografia de 1898. À direita, capa simétrica, utiliza convenções próprias ao miolo do livro, tais como capitular e o uso de florões, de 1918.

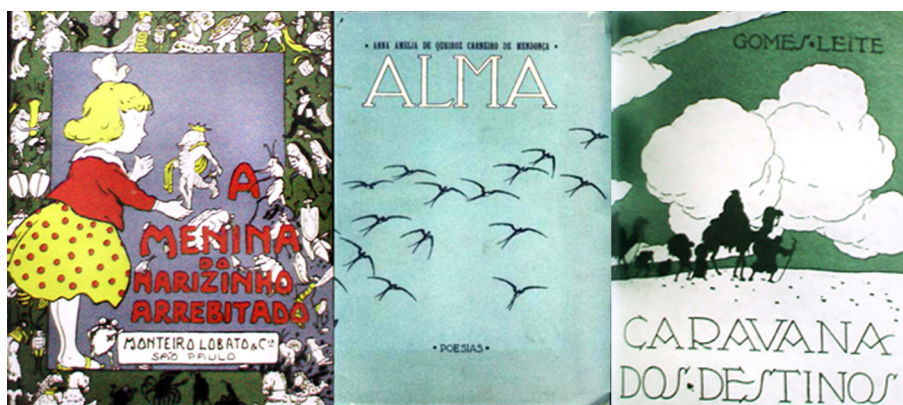


Figura 3: Edição de M. Lobato de 1920, em 4 cores. Duas capas de Correia Dias, ambas em 2 cores,

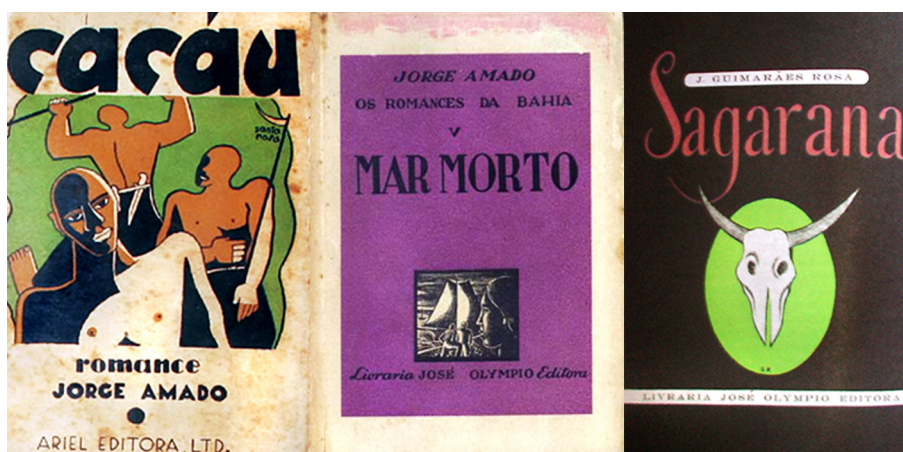


Figura 4: Santa Rosa em 3 capas diferentes, as duas primeiras são da década 30 e a última dos anos 50.

O principal nome é o do português Fernando Correia Dias, que se destaca pelo conjunto vasto e versátil de soluções, pelo domínio do desenho, assim como Antonio Paim, em projetos

originais. Outros artistas e ilustradores contribuem para o projeto da capa, gerando uma nova profissão, o capista. Seu mais importante representante será Tomás Santa Rosa, a partir da década de 1930. Sua atuação será marcante por vários motivos, com o seu trabalho na editora José Olympio o projeto do livro ganha estabilidade e maturidade projetual.

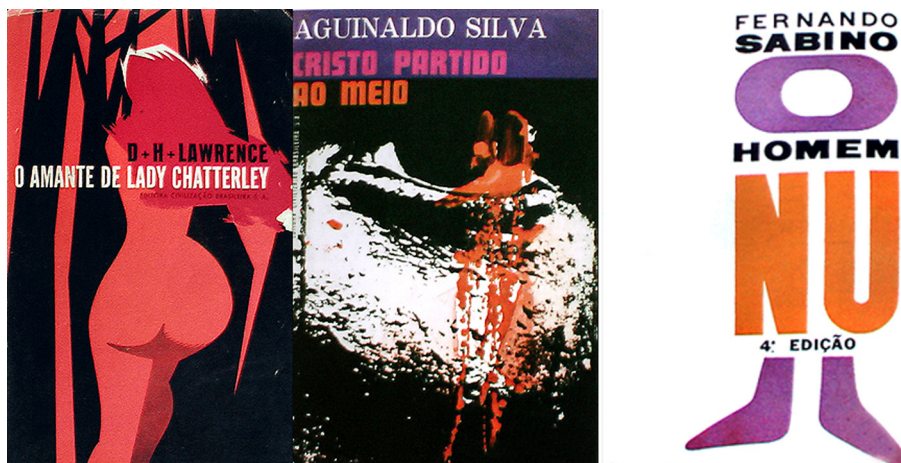


Figura 5: Capas de E. Hirsch para a Civilização Brasileira. *O homem nu*, capa de Bea Feitler para a Sabiá.

Na década de 1960, Eugenio Hirsch, atuando na editora Civilização Brasileira, será o principal nome do projeto de capas. Mais do que ruptura observa-se no seu trabalho uma ampliação das atribuições conferidas à capa, assumindo um papel menos descritivo e mais crítico, com grande liberdade autoral: a capa grita, se afastando do comportado miolo, seja pelo uso de recursos variados seja pela incorporação de avanços tecnológicos. A renovação das respostas e abordagens projetuais que o desafio de dar vida à capa de obras literárias impõe ao seu realizador encontra, ainda na década de 60, na pequena editora Sabiá e na atuação de vários profissionais, um importante e rico capítulo.

Refletindo a capa

Essa superfície incorpora atributos, identifica, protege, unifica e personaliza o objeto livro; passou depois a comunicar, seduzir o difícil e restrito mercado leitor, também foi palco para renovação, o choque, e gerou uma riqueza visual que se incorporou à cultura visual do país. Muitas são as capas e os capistas deixados em branco neste breve relato. A seguir algumas reflexões de profissionais acerca de sua atividade, o projeto de capa.

Nos anos 60, nos diz Jaime Cortez, “O cartão de visita de qualquer obra escrita ou ilustrada é a capa. Ela deve transmitir o clima, a intenção e o conteúdo do que ela envolve. (...) Do clássico ao infantil, a luta da sugestão e a procura do original atraente são a missão do capista”. Ainda no final dos anos 60 e anos 70 há grande segmentação do mercado, há produção representativa de livros e capas em editoras menores e em verdadeiros conglomerados industriais, com nítida falta de preparo dos profissionais para atender tal produção. A fundação da Esdi, em 1963, e outras iniciativas começam a preparar um profissional que atenda completamente às necessidades da indústria editorial. Deste período cabe destacar alguns depoimentos de profissionais reunidos por A .L. Escorel: “Olha, o problema da capa é o seguinte: aqui se paga muito mal, então você não pode demorar mais de meia hora pensando e mais de duas

para executar”. “Eu só leio o título do livro, eu nunca leio a história. Às vezes acerto, às vezes erro. Quer ver um exemplo? Tinha um livro policial; o cara explicou por alto que matavam a pessoa e depois serviam ela no jantar, e eu fiz a capa disso. Mas isso era o final da história, entendeu? Eu contei o final da história na capa!”.

Seria um final triste se terminássemos aqui, com o tratamento despreparado e superficial empregado no projeto da capa, mas cabe destacar que este quadro melhorou, sobretudo na década de 80. Um marco nesse processo é a qualidade de projetos da Companhia das Letras, que, nas palavras do editor Luiz Schwarcz, seu fundador: “Nossa contribuição hoje pode ser no sentido de profissionalizar mais o mercado de capas, criar novas chances e perspectivas”.

Atualmente, com as facilidades promovidas pelo uso do computador, são muitos os caminhos possíveis e percorridos para a produção de capa: alguns nitidamente desleixados outros exageradamente comerciais. Um, bastante promissor, cabe destacar: “O livro hoje tem de ser pensado como um objeto íntegro (...) Restringir as possibilidades de invenção contidas em um livro a um retângulo bidimensional chamado capa é muito redutor. Nosso grande diferencial é não trabalhar com capistas. A capa é um dos elementos e todos eles são importantes, desde o tipo da letra até a textura do papel. É isso que seduz o consumidor”, nos diz Elaine Ramos, diretora de arte da Editora Cosac Naify.

Referências

BRANCO, Fernanda Castelo. Cenas de um casamento. **Continuum Itaú Cultural**, n.º 11, p. 28-31, maio, 2008.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CARDOSO, Rafael (Org.). **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CORTEZ, Jaime (Org.). **Mestres da ilustração: a técnica de ilustração, capas e cartazes**. São Paulo: Hemus, 1970.

SCOREL, Ana Luisa. **Brochura brasileira: objeto sem projeto**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: MEC, 1974.

FERLAUTO, Cláudio; JAHN, Eloisa. **O livro da gráfica**. 3.^a ed. São Paulo: Edições Rosari, 2001.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T.A Queiroz / Edusp, 1985.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3.^a ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MELO, Chico Homem de (Org.). **O design brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PAIXÃO, Fernando (Coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.